

«Uma bellissima e pungente sinfonia de memórias,
sonhos e realidades efémeras; a "interminável triste fragilidade"
das vidas mortais.» — Guardian

OUTONO

Ali Smith

Tradução de
Manuel Alberto Vieira

ELSINORE

Para Gilli Bush-Bailey
vejo-te para a semana

e para Sarah Margaret
Hardy *perennial* Wood

Só vos chegue a primavera
Estando a colheira à espera!

WILLIAM SHAKESPEARE

A este ritmo de erosão dos solos, restam apenas cem colheitas.

Guardian, 20 de julho de 2016

Verde como as ervas, deitamo-nos entre o milho, ao sol

OSSIE CLARK

Se estou destinado a ser feliz aqui, contigo –
quão pequena é a vida mais longa.

JOHN KEATS

Gentilmente, desintegra-me

WS GRAHAM

1

Foi o pior dos tempos, foi o pior dos tempos. De novo. É esse problema das coisas. Desfazem-se, sempre se desfizeram, sempre se desfarão, está-lhes na natureza. Um homem muito velho dá então à costa. Parece uma bola de futebol furada com a costura rompida, daquelas de couro que as pessoas chutavam há cem anos. O mar encapelou-se. Tirou-lhe a camisa das costas; nu como no dia em que vim ao mundo são as palavras na cabeça que move sobre o pescoço, mas dói. Portanto tenta não mover a cabeça. O que é isto na boca dele, cascalho? é areia, está-lhe debaixo da língua, consegue senti-la, consegue ouvir-lhe o som triturado de cada vez que os dentes se aproximam, cantando a sua canção de areia: meu tamanho tão miúdo, mas no fundo sou tudo, sou mais macia se estiver por baixo de ti quando caís, ao sol reluzo, o vento amontoa-me sobre o desuso, põe numa garrafa uma mensagem, atira a garrafa ao mar para lá da margem, a garrafa é feita de mim à minha imagem, sou o grão mais difícil de colher de colher as palavras para a canção dissipam-se. Está cansado. A areia na boca e nos olhos são os últimos grãos no pescoço da ampulheta. Daniel Gluck, a tua sorte esgotou-se finalmente. Abre a custo um olho perro. Mas — Daniel senta-se na areia e nas pedras — é isto? a sério? isto? a morte? Protege os olhos com a mão. Muito brilho. Iluminado pelo sol. Terrivelmente frio, porém.

Está numa praia arenosa e pedregosa, o vento distintamente impiedoso, o sol exposto, sim, mas dele nenhum calor emanado. Nu também. Não admira que sinta frio. Olha para baixo e vê que o seu corpo ainda é o corpo velho, os joelhos arruinados.

Imaginara que a morte purificaria uma pessoa, que removeria toda a putrefação em putrescência até tudo ser leve como uma nuvem.

Afinal, parece que o eu com que és deixado na costa é o eu que eras quando partiste.

Se soubesse disso, pensa Daniel, teria tratado de partir aos vinte, vinte e cinco.

Só os bons.

Ou talvez (pensa, uma mão a escudar-lhe o rosto para, na eventualidade de alguém o ver, ninguém se sentir ofendido por tirar o que tem dentro do nariz, ou nisso atentar para perceber o que é — é areia, belo o detalhe, o diferente conjunto de cores inclusive do mundo pulverizado, depois esfrega as pontas dos dedos até desaparecer) este *seja* o meu eu purificado. O que, a ser verdade, faz da morte uma lamentável desilusão.

Obrigado por me receberes, morte. Com licença, por favor, tenho de voltar para ela, a vida.

Levanta-se. Não lhe dói, não muito.

Muito bem.

Casa. Em que direção?

Gira meio círculo sobre si. Mar, linha da costa, areia, pedras. Vegetação alta, dunas. Terreno plano atrás das dunas. Árvores para lá da planura, a orla de um bosque, cujo percurso se estende de volta ao mar.

O mar está estranho e calmo.

A seguir acode-lhe à mente quão invulgarmente boa está a sua visão hoje.

Quer dizer, consigo ver não só aquele bosque, consigo ver não só aquela árvore, consigo ver não só aquela folha naquela árvore. Consigo ver o caule que une aquela folha àquela árvore.

É capaz de focar o denso botão no ápice de qualquer planta naquelas dunas como se utilizasse o zoom de uma câmara de filmar. E acabou ele de olhar para baixo, na direção da própria mão, e viu não só a mão, focada, e não só uma superfície de areia no lado da mão, mas vários grãos de areia isolados, tão nitidamente delineados a ponto de lhes ver as arestas, e (mão é levada à testa) *sem óculos?*

Bom.

Esfrega areia das pernas e dos braços e do peito e depois das mãos. Observa o voo dos grãos enquanto dele se desprendem para se projetarem no ar. Conduz a mão ao solo, enche a mão de areia. Vejam só. Tantos.

Refrão:

Quantos mundos podes guardar numa mão.

Numa mão-cheia de areia.

(Repete.)

Abre os dedos. A areia resvala.

Agora que está de pé tem fome. É possível estar faminto e morto? Com certeza que é, todos aqueles fantasmas esfomeados a comerem os corações e as mentes das pessoas. Completa o círculo até ficar de novo voltado para o mar. Há mais de cinquenta anos que não entra num barco, e aquilo na verdade não era um barco, era um novo bar pavoroso, lugar de diversão no rio. Senta-se novamente na areia e nas pedras, mas os ossos doem-lhe no, não quer usar linguagem grosseira, está uma rapariga mais acima no areal, doem-lhe como, não quer usar linguagem...

Uma rapariga?

Sim, com um círculo de raparigas em redor, todas a executar uma dança ondulante evocativa da Grécia antiga. As raparigas estão bastante próximas. Aproximam-se mais.

Isto não pode ser. A nudez.

Depois torna a baixar os novos olhos para onde o velho corpo há momentos se encontrava e sabe que está morto, tem de estar morto, está seguramente morto, porque o seu corpo tem uma aparência diferente da última vez que para ele olhou,

uma aparência melhor, uma aparência bastante boa segundo consta dos corpos. Parece bastante familiar, bastante semelhante ao próprio corpo, mas quando era jovem.

Uma rapariga está perto. Raparigas. Um doce e violento sentimento de pânico e vergonha atravessa-o em torrente.

Precipita-se em direção às dunas cobertas de vegetação alta (consegue correr, mesmo correr!), desvia a cabeça de um tufo de erva para confirmar que ninguém o consegue ver, ninguém a caminho, e põe-se de pé e segue disparado (de novo!, nem sequer ofegante) através do terreno plano rumo àquele bosque.

Haverá onde se esconder no bosque.

Haverá talvez também algo com que se cobrir. Mas puro júbilo! Esquecera-se da sensação, da sensação de sentir. De sentir nem que fosse apenas a noção do próprio eu despido próximo da beleza de outrem.

Há uma pequena mata de árvores baixas. Adentra a mata à sorrelfa. Perfeito, o chão resguardado do sol, coberto de folhas, as folhas caídas sob os seus (belos, jovens) pés estão secas e firmes, e também nos ramos inferiores das árvores uma abundância de folhas ainda de um verde-vivo, e veja-se, os pelos no seu corpo são novamente preto-escuros pelos braços acima, e do peito para baixo até ao entrepernas onde são grossos, ah, não apenas os pelos, tudo está a engrossar, veja-se.

Isto é o paraíso, não há como duvidar.

Acima de tudo, não quer ofender.

Pode fazer uma cama aqui. Pode permanecer aqui enquanto encontra um sentido. Um sem-tido. (Trocadilhos, a moeda do homem pobre; pobre e velho John Keats, bom, pobre sem dúvida, embora não se pudesse propriamente chamar-lhe velho. Poeta de outono, Itália de inverno, a dias de distância da morte deu por si a fazer trocadilhos como se não houvesse amanhã. Pobre tipo. De facto, não havia amanhã.) Pode amontoar estas folhas sobre si para se manter quente durante noite, se é que existe tal coisa como a noite quando se está morto, e, acaso aquela rapariga,

aquelas raparigas se aproximem mais, ele acumulará um pátio delas por cima de todo o seu eu de maneira a não desonrar.

Decente.

Esquecera-se de que há fisicalidade na intenção de não ofender. Doce o sentimento de decência que agora o inunda, surpreendentemente idêntico ao que se supõe resultar da ingestão de néctar. O bico do colibri a entrar na corola. Eis quão rico. Eis quão doce. O que rima com néctar? Fará um fato verde para si a partir de folhas, e – no instante em que o pensamento lhe acode à mente, aparecem-lhe aqui na mão, veja-se, uma agulha e uma espécie de linha cor de ouro num pequeno carretel. Ele está morto. Tem de estar. Bem vistas as coisas, talvez seja deveras aprazível estar morto. Uma condição altamente subestimada no mundo ocidental moderno. Alguém devia dizer-lhes isso. Alguém devia informá-los. Alguém devia ser enviado, voltar a custo, para onde quer que esteja. Rememorá-la. Assumi-la. Negligenciá-la. Detetor de mentiras. Projetor de filmes. Realizador. Coletor. Objeto.

Arranca uma folha verde do ramo ao lado da cabeça. Arranca outra. Une as extremidades. Cose-as com um meticuloso, como se chama, ponto de alinhavo? Ponto caseado? Vejam só. Sabe coser. Não algo que soubesse fazer enquanto estava vivo. A morte. Repleta de surpresas. Apanha do chão uma camada de folhas. Senta-se, junta uma extremidade a outra e cose. Lembram-se daquele postal num expositor no centro de Paris que comprou na década de 1980, da menina num dos parques? Parecia estar vestida com folhas mortas, fotografia a preto-e-branco tirada pouco depois de terminada a guerra, a criança fotografada de costas, vestida nas folhas, postada no parque a observar folhas e árvores dispersas à sua frente. Mas era uma fotografia tão trágica quanto cativante. Qualquer coisa na conjugação da criança com as folhas mortas, uma terrível anomalia, um pouco como se envergasse farrapos. Mas, bem vistas as coisas, os farrapos não eram farrapos. Eram folhas, pelo que era também uma fotografia sobre magia e transformação. Mas, bem *bem* vistas as coisas, uma fotografia tirada não muito mais tarde, numa altura

em que uma criança apenas a brincar em folhas podia parecer, pela primeira vez a olho nu, uma criança agrupada e abandonada (dói pensá-lo) ou talvez também uma pós-criança nuclear, as folhas dela suspensas assemelham-se a pele a transformar-se em farrapos, suspensas para um lado como se a pele *não* fosse senão folhas.

De maneira que era cativante também no outro sentido de cativar, a fotografia, como uma fotografia do agente da tua *cativação*, daquele que vem para te cativar no outro mundo. Um pestanejo do olho de uma máquina fotográfica (não consegue identificar o nome do fotógrafo) e essa criança vestida de folhas tornou-se todas estas coisas: triste, terrível, bela, estranha, aterradora, sombria, leve, encantadora, conto de fadas, conto popular, verdade. A verdade mais mundana: ele comprara aquele postal (Boubat!, foi *ele* o autor) quando visitara a cidade do amor na companhia de mais uma mulher que queria que o amasse mas não o amava, claro que não, uma mulher na casa dos quarenta, um homem com sessenta e muitos, bom, sê sincero, a abeirar os setenta, e, em todo o caso, ele tão-pouco a amava. Não verdadeiramente. Uma questão de profunda incompatibilidade que em nada se relacionava com a idade, posto que no Centro George Pompidou ele se comovera de tal modo com a impetuosidade de um quadro de Dubuffet, que descalçara os sapatos e se ajoelhara diante dele em sinal de respeito, e a mulher, o seu nome era Sophie não-sei-das-quantas, mostrara-se envergonhada e no táxi a caminho do aeroporto disse-lhe que era demasiado velho para descalçar os sapatos numa galeria de arte, ainda que moderna.

Na verdade, a única recordação que dela guarda é o envio de um postal que mais tarde viria a desejar ter guardado para si.

No verso escrevera: *de uma criança velha, com amor.*

Anda sempre à procura dessa fotografia.

Nunca mais a reencontrou.

Sempre se mostrou arrependido por não a ter conservado em sua posse.

Arrependimentos quando se está morto? Um passado quando se está morto? Nunca há como escapar à loja de ferro-velho do eu?

Da mata atenta na orla da terra firme, no mar.

Bom, onde quer que tenha vindo parar, deu-me este casaco verde
deveras faustoso.

Envolve-o no corpo. Assenta bem, cheira a folhas e frescura.
Daria um bom alfaiate. Fez uma coisa, fez uma coisa com sucesso.
A mãe ter-se-ia mostrado finalmente agradada.

Oh, Deus. Ainda existe mãe depois da morte?

É um rapaz a apanhar castanhas do chão por baixo das árvores.
Parte os espinhosos ouriços de um verde-vivo e liberta-as castanhas
e reluzentes da cérea película interior. Deposita-as na boina até ficar
cheia. Leva-as para a mãe. Ela está aqui com o novo bebé.

Não sejas estúpido, Daniel. Ela não pode comê-las. Nada as come,
nem sequer os cavalos, são demasiado amargas.

Daniel Gluck, sete anos de idade, em vestes de boa qualidade,
está sempre a ouvir quão sortudo é por ter num mundo onde tantos
têm tão pouco, baixa o olhar na direção das castanhas-da-índia com
as quais nunca deveria ter sujado a sua boina de boa qualidade e vê
o brilho castanho delas esmaecer.

Cruéis memórias, mesmo quando se está morto.

Quão desanimador.

Não faças caso. Anima-te.

Está de pé. É de novo o seu eu respeitável. Examina o espaço
em redor, encontra algumas pedras volumosas e paus de dimensão
razoável que utiliza para demarcar a porta da sua mata de maneira
a reencontrá-la.

No seu fulgente casaco verde sai do bosque, atravessando a
planície de regresso à praia.

Mas o mar? Silente, como mar num sonho.

A rapariga? Nenhum sinal. O círculo de dançarinas em seu
redor? Desaparecido. Na praia, contudo, está um corpo trazido
pelo mar. Aproxima-se para ver. Será o seu?

Não. É uma pessoa morta.

Mesmo ao lado desta pessoa morta está outra pessoa morta.
Para lá dela, uma outra, e outra ainda.

Observa ao longo da ribamar a escura fileira de mortos despejados pela maré.

Alguns dos corpos são de crianças muito pequenas. Agacha-se perto de um homem inchado que tem um filho, não passa de um bebé, na verdade, ainda guardado no interior do casaco de fecho corrido, de boca aberta, a verter mar, a cabeça repousando morta no peito intumescido do homem.

Há pessoas mais acima no areal. Estas pessoas são humanas, como as que estão junto do mar, mas estas estão vivas. Estão debaixo de guarda-sóis. Estão a fazer férias acima da beira-mar dos mortos.

Há música a sair de um ecrã. Uma das pessoas trabalha num computador. Outra está sentada à sombra a ler num pequeno ecrã. Outra passa pelas brasas debaixo do mesmo guarda-sol, outra espalha protetor solar no ombro e ao longo do braço.

Uma criança soltando risos que são guinchos entra e sai da água a correr, desviando-se das ondas maiores.

Daniel Gluck olha da morte para a vida, depois novamente para a morte.

A tristeza do mundo.

Definitivamente ainda no mundo.

Atenta no seu casaco de folhas, ainda verde.

Estende um antebraço, ainda miraculoso, jovem.

Não durará, o sonho.

Conduz a mão a uma folha na beira do casaco. Segura-a com força. Levá-la-á de volta consigo se puder. Prova de onde esteve.

Que mais pode ele levar?

Como era mesmo aquele refrão?

Quantos mundos

Mão-cheia de areia

É uma quarta-feira, a primeira metade do verão acabou de passar. Elisabeth Demand — trinta e dois anos, leitora numa universidade em Londres com contrato sem termo nem horário fixo, a viver o sonho, diz a mãe, e vive, se o sonho equivaler a não ter qualquer estabilidade profissional e quase tudo ser demasiado caro para se fazer e se continuar no mesmo apartamento arrendado em que se vivia nos tempos de estudante mais de uma década atrás — deslocou-se à principal estação dos correios da cidade mais próxima da aldeia onde a mãe agora vive, para utilizar o serviço de Verificação e Envio, munida do formulário de solicitação de passaporte.

Aparentemente, este serviço acelera o processo. O passaporte pode ser emitido em metade do tempo, desde que se chegue à estação com o formulário preenchido e o antigo passaporte e fotografias novas e um funcionário certificado verifique os dados antes de serem enviados para o Gabinete de Passaportes.

A máquina de senhas da estação dos correios dá-lhe a sua senha com o número 233 impresso para o atendimento ao balcão. O movimento é reduzido, à exceção da fila de pessoas furiosas que se prolonga porta fora desde as balanças de pesagem de encomendas, para as quais não há nenhum sistema de atribuição de senhas. Mas o número que lhe foi dado está tão distante dos números, que surgem no painel sobranceiro a todas as cabeças com a indicação *a seguir* (156, 157, 158), e, além disso, é tanto o tempo que os dois solitários funcionários atrás dos doze balcões demoram a atender as pessoas que presumivelmente corresponderão aos números 154

e 155 (já aqui está há vinte minutos e ainda lá estão os dois clientes que vira ao chegar), que sai da estação dos correios, atravessa o relvado, encaminha-se para o alfarrabista na Bernard Street.

Quando regressa dez minutos mais tarde, os mesmos dois solitários funcionários atrás dos balcões continuam a ser as únicas pessoas de serviço. Mas agora o painel indica que as senhas *a seguir* para o atendimento ao balcão serão as 284, 285 e 286.

Elisabeth prime o botão da máquina e tira outra senha (365). Senta-se no módulo de cadeiras circular no centro da estação. Algo no seu interior está estragado, porque quando ocupa o seu lugar algo retine dentro da estrutura e a pessoa sentada a seu lado é bruscamente lançada dois centímetros no ar. Depois essa pessoa muda de posição, o assento retine de novo e Elisabeth é sacudida e a cadeira desce cerca de dois centímetros.

Através das janelas, ali no lado oposto da rua, consegue distinguir o imponente edifício municipal que em tempos fora a estação dos correios da cidade. É agora um renque de sucursais de cadeias de lojas de marca. Perfume. Roupa. Artigos de cosmética. Percorre a estação com os olhos uma vez mais. As pessoas sentadas nas cadeiras são quase todas elas as mesmas que aqui estavam quando entrou na estação pela primeira vez. Abre o livro na mão. Admirável Mundo Novo. Capítulo 1. *Um atarracado edifício cinzento de apenas trinta e quatro pisos. Por cima da entrada principal as palavras: CENTRO DE INCUBAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE LONDRES CENTRAL, e, num escudo, a máxima do Estado do Mundo: COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE.* Uma hora e quarenta e cinco minutos mais tarde, numa altura em que já avançou bastante na leitura do livro, as pessoas à sua volta continuam a ser, na sua maioria, as mesmas pessoas. Continuam de olhos cravados no espaço. Ocasionalmente fazem retinir a cadeira onde estão sentadas. Ninguém fala com ninguém. Ninguém lhe dirigiu uma única palavra desde que aqui entrou. A única coisa que se altera é a fila que serpenteia em direção às balanças de pesagem de encomendas. Ocasionalmente alguém atravessa o estabelecimento para observar

as moedas comemorativas dispostas no expositor plástico. Há um conjunto, consegue vê-lo daqui, que assinala a data de nascimento ou da morte de Shakespeare. Uma das moedas ostenta um crânio. Nesse caso, presumivelmente assinalará o dia da sua morte.

Elisabeth torna a concentrar a atenção no livro e dá-se o acaso de na página que lê surgir uma citação de Shakespeare. «*Oh, admirável mundo novo!*» *Miranda proclamava a possibilidade do esplendor, a possibilidade de transformar inclusive o pesadelo em algo sublime e nobre.* «*Oh, admirável mundo novo!*» *Era um desafio, uma ordem.* Erguer os olhos e ver o dinheiro comemorativo no preciso instante em que o livro com propriedade se apropria de Shakespeare — eis algo digno de nota. Muda de posição no assento e faz retinir a cadeira por descuido. A mulher a seu lado salta um tudo-nada, mas não dá o mais pequeno sinal de se ter apercebido ou preocupado.

É curioso estar sentada num módulo incomunal de cadeiras comunais.

Não há, todavia, ninguém com quem Elisabeth possa trocar um olhar de cumplicidade a esse respeito, e muito menos verbalizar a coisa que acaba de pensar acerca do livro e das moedas.

Seja como for, trata-se de uma daquelas coincidências que na televisão ou nos livros poderia significar alguma coisa, mas que na vida real não significa absolutamente nada. O que colocariam numa moeda comemorativa do *nascimento* de Shakespeare? Oh, admirável mundo novo. Seria uma boa opção. Em certa medida aproxima-se, presumivelmente, do que é nascer. Se alguém algum dia fosse capaz de se lembrar de ter nascido.

O painel indica 334.

Olá, diz Elisabeth ao homem atrás do balcão volvidos cerca de quarenta minutos.

O número de dias num ano, diz o homem.

Desculpe?, diz Elisabeth.

O número 365, diz o homem.

Li praticamente um livro inteiro desde que aqui cheguei de manhã, diz Elisabeth. E ocorreu-me que talvez fosse boa ideia

disponibilizarem livros para que todas as pessoas que estão à espera também pudessem ler, se fosse essa a vossa vontade. Alguma vez pensaram em abrir ou montar uma pequena biblioteca?

É curioso que diga isso, diz o homem. A maior parte daquelas pessoas não está aqui para recorrer aos serviços dos correios. Desde que a biblioteca fechou, é para aqui que vêm nos dias de chuva ou temperatura excessiva.

Elisabeth olha para trás, na direção de onde estivera sentada. O lugar que acabou de abandonar foi ocupado por uma mulher muito jovem que amamenta um bebé.

Em todo o caso, obrigado pela sua pergunta, e espero que a nossa resposta a tenha deixado plenamente satisfeita, está o homem a dizer.

Está prestes a pressionar o botão a seu lado para chamar o 366 ao balcão.

Não!, diz Elisabeth.

O homem retorce-se como quem ri a bandeiras despregadas. Pelos vistos estava a brincar; os ombros sobem-lhe e descem-lhe, mas dele não sai nenhum som. É como uma gargalhada, mas também como uma paródia da gargalhada, e simultaneamente um pouco como se estivesse a ter um ataque de asma. Talvez não seja permitido rir sonoramente atrás do balcão da principal estação dos correios.

Só venho cá uma vez por semana, diz Elisabeth. Teria de voltar para a semana caso tivesse feito isso.

O homem relanceia os olhos ao seu formulário do serviço de Verificação e Envio.

E é bem possível que tenha de voltar na próxima semana, diz ele. A probabilidade de detetarmos algum problema nisto é de noventa por cento.

Muito engraçadinho, diz Elisabeth.

Não estou a brincar, diz o homem. Não se brinca com passaportes.

O homem esvazia no seu lado da divisória o sobrescrito onde estavam guardados todos os papéis dela.

Antes de verificarmos o que quer que seja, diz ele, cumpre-me desde já esclarecer que, se avançar agora e verificar o seu formulário do serviço de Verificação e Envio hoje, custar-lhe-á 9,75 libras. 9,75 libras hoje, bem entendido. E, se porventura algo nele não estiver correto hoje, continuará a custar-lhe 9,75 libras hoje, e terá de me pagar esse dinheiro de qualquer das maneiras, mesmo que não possamos enviá-lo em virtude de uma eventual incorreção.

Pois, diz Elisabeth.

Mas. Posto isto, diz o homem, se houver alguma incorreção e pagar as 9,75 libras hoje, coisa a que está obrigada, e corrigir o que estiver incorreto e trazer novamente o formulário daqui a mês, não lhe serão cobradas 9,75 libras uma segunda vez, desde que apresente o recibo. No entanto. Se o trazer *depois* de passado um mês, ou *sem* o recibo, ser-lhe-ão novamente cobradas 9,75 libras por mais um serviço de Verificação e Envio.

Entendido, diz Elisabeth.

Tem a certeza de que ainda quer recorrer hoje ao serviço de Verificação e Envio?, diz o homem.

Ah-hã, diz Elisabeth.

Importa-se de dizer a palavra sim, em vez de se limitar a produzir esse som vagamente afirmativo que acaba de pronunciar, por favor, diz o homem.

Ah, diz Elisabeth. Sim.

Mesmo considerado que terá forçosamente de pagar, mesmo que o processo de Verificação e Envio não seja concluído hoje?

Começo a ter esperança de que não seja, diz Elisabeth. Ainda me falta ler uns quantos clássicos.

Julga-se com graça?, diz o homem. Gostaria que lhe fosse buscar o livro de reclamações para redigir a sua queixa enquanto espera? Se for essa a sua vontade, contudo, cumpre-me informá-la de que terá de desimpedir o balcão enquanto atendo outra pessoa e, como se aproxima o meu intervalo de almoço, perderá a sua vez e ver-se-á obrigada a tirar da máquina uma nova senha para o atendimento ao balcão e esperar pelo seu número.

Não tenho a mais pequena vontade de me queixar do que quer que seja, diz Elisabeth.

O homem tem os olhos postos no formulário preenchido.

O seu apelido é mesmo Demand?, diz ele.

Ah-hã, diz Elisabeth. Sim, quero eu dizer.

Um nome a que faz jus, diz ele.¹ Como já tivemos oportunidade de constatar.

Ah, diz Elisabeth.

Estou só a brincar, diz o homem.

Os ombros sobem-lhe e descem-lhe.

E tem a certeza de que escreveu o seu primeiro nome corretamente?, diz ele.

Sim, diz Elisabeth.

Não é assim que normalmente se escreve, diz o homem. Normalmente escreve-se com z. Tanto quanto sei.

O meu é com um s, diz Elisabeth.

Sofisticado, diz o homem.

É o meu nome, diz Elisabeth.

Geralmente, quem o escreve assim são pessoas de outros países, não é verdade?, diz o homem.

Folheia o passaporte caducado.

Mas aqui diz que é mesmo natural do Reino Unido, continua.

Sou, diz Elisabeth.

A mesma grafia aqui, o s e tudo, diz o homem.

Espantosamente, diz Elisabeth.

Não seja sarcástica, diz o homem.

Agora compara a fotografia no interior do antigo passaporte com a nova folha de fotografias de cabina que Elisabeth trouxe consigo.

Reconhecível, diz ele. Com alguma dificuldade. (Ombros.) E é só a transformação dos vinte e dois para os trinta e dois anos. Espere até ver a diferença quando aqui voltar para renovar o passaporte dentro de dez anos. (Ombros.)

¹ Demand: exigência; reclamação. [N. do T.]

Confronta os números que ela escreveu no formulário com os que figuram no passaporte caducado.

Vai viajar?, diz ele.

Provavelmente, responde Elisabeth. Pelo sim pelo não, decidi renová-lo.

Aonde está a pensar ir?, diz ele.

A imensos sítios, espero, diz Elisabeth. Quem sabe? Mundo. Ostra.

Terrivelmente alérgico, diz o homem. Nem pronuncie a palavra. Se morrer esta tarde, saberei dizer-lhe a quem atribuir a culpa.

Ombros. Para cima, para baixo.

A seguir põe à sua frente as fotografias tiradas na cabina. Torce a boca para o lado. Abana a cabeça.

O que é?, pergunta Elisabeth.

Não, acho que está bem, diz ele. O cabelo, no entanto. Tem de estar completamente afastado dos olhos.

Ele *está* completamente afastado, diz Elisabeth. Não está minimamente próximo dos meus olhos.

Tão-pouco pode estar minimamente próximo do seu rosto, diz o homem.

Está na minha cabeça, diz Elisabeth. É aí que ele cresce. E o meu rosto também está unido à minha cabeça.

Ditos espirituosos, diz o homem, em nada influirão nas condições que, depois de analisadas, determinarão se terá direito à emissão de um passaporte, de que precisará antes de lhe ser permitido deslocar-se a qualquer lugar que não no domínio desta ilha. Por outras palavras. Não a levarão. A lado nenhum.

Pois, diz Elisabeth. Obrigada.

Acho que está bem, diz o homem.

Ainda bem, diz Elisabeth.

Espere, diz o homem. Espere um pouco. Só um.

Levanta-se da cadeira e curva-se atrás da divisória. Reergue-se segurando uma caixa de cartão. No seu interior estão várias tesouras, borrachas, um agraphador, cliques e uma fita métrica enrolada. Toma

a fita nas mãos e desenrola os primeiros centímetros. Pousa a fita numa das fotografias de Elisabeth impressas na cabina.

Sim, diz o homem.

Sim?, diz Elisabeth.

Bem me parecia, diz ele. 24 milímetros. Tal como eu pensava.

Ótimo, diz Elisabeth.

Nada ótimo, diz o homem. Lamento, mas não é mesmo nada ótimo. O seu rosto tem a dimensão errada.

Como é que o meu rosto pode ter uma dimensão errada?, diz Elisabeth.

Não seguiu as instruções relativas ao preenchimento da moldura facial, isto partindo do pressuposto de que a cabina fotográfica que utilizou estava equipada com instruções para fotografias de passaporte, diz o homem. Com certeza que é possível que a cabina que utilizou não estivesse equipada com instruções para fotografias de passaporte. Mas, em qualquer um dos casos, receio bem que não seja de grande ajuda aqui.

Qual deveria ser a dimensão do meu rosto?, inquire Elisabeth.

O tamanho apropriado para um rosto numa fotografia apresentada para a solicitação de um passaporte, diz o homem, situa-se entre os 29 e os 34 milímetros. O seu tem 5 milímetros a menos.

Porque tem o meu rosto de ter um determinado tamanho?, diz Elisabeth.

Porque é o que está estipulado, diz o homem.

É por causa da tecnologia de reconhecimento facial?, diz Elisabeth.

O homem olha-a diretamente pela primeira vez.

Obviamente não posso processar o formulário sem a estipulação correta, diz ele.

Saca uma folha de papel de uma resma à sua direita.

Devia ir a uma Snappy Snaps, diz o homem ao mesmo tempo que carimba um pequeno círculo na folha com um carimbo de metal. Aí tiram-na segundo as especificações corretas. Planeia viajar para onde?

Bom, para lado nenhum, até obter o novo passaporte, diz Elisabeth.

O funcionário aponta para o círculo não carimbado ao lado do carimbado.

Se a trazer até de hoje a um mês, contanto que tudo esteja correto, não terá de pagar 9,75 libras por mais um serviço de Verificação e Envio, diz o homem. Qual foi mesmo o destino que disse ter em mente?

Nenhum, diz Elisabeth.

Espero que não leve a mal que escreva nesta caixa que a sua cabeça não está bem, diz o homem.

Os ombros dele não se mexem. Escreve numa caixa ao lado da palavra *Outros motivos*: DIMENSÃO INCORRETA DA CABEÇA.

Se isto fosse uma série dramática, diz Elisabeth, sabe o que aconteceria agora?

Quase tudo o que passa na televisão é uma porcaria, diz o homem. Prefiro ler, ver filmes e documentários e ouvir música.

O que pretendo dizer, diz Elisabeth, é que, na cena seguinte, o senhor apareceria morto por intoxicação resultante da ingestão de ostras e eu seria presa e culpada por algo que não fiz.

Poder de sugestão, diz o homem.

Sugestão de poder, diz Elisabeth.

Oh, muito perspicaz, diz o homem.

Além disso, a noção de que a minha cabeça tem a dimensão errada numa fotografia significaria que provavelmente fiz ou vou fazer alguma coisa profundamente errada e ilegal, diz Elisabeth. E, porque lhe perguntei acerca da tecnologia de reconhecimento facial, por se dar o caso de saber que existe e ter perguntado se as pessoas dos passaportes a utilizam, isso também faz de mim uma suspeita. E há também a noção, com base na sua perspectiva da nossa história até ao momento, de que é possível que seja uma espécie de criatura bizarra na medida em que o meu nome tem um s em vez de um z.

Desculpe?, diz o homem.

Como se uma criança passasse de bicicleta numa série ou num filme, diz Elisabeth, como se estivesse a assistir a um filme ou a uma série e há uma criança a afastar-se montada numa bicicleta e vê a criança avançar, afastando-se, e especialmente se vir isto acontecer a partir da posição de uma câmara atrás da criança, bom, é quase certo que algo terrível está prestes a acontecer a essa criança, será seguramente a última vez que vê essa criança, essa criança ainda inocente, pelo menos. Já não se pode ser mais criança e seguir para longe a pedalar numa bicicleta porque se foi às compras. Ou se houver um homem ou uma mulher felizes a conduzir um carro, apenas a conduzir, a desfrutar da experiência, nada mais a acontecer — e especialmente se isso for transposto para a mente de alguém que está à espera de que essa pessoa chegue a casa —, então ele ou ela estão provavelmente definitivamente prestes a ter um acidente e morrer. Ou, se for uma mulher, a ser raptada e conhecer um horrendo fim num crime sexual, ou a desaparecer. Provavelmente definitivamente ele ou ela, de uma maneira ou de outra, estão a conduzir em direção à própria ruína.

O homem dobra o recibo do serviço de Verificação e Envio e enfia-o no sobrescrito que Elisabeth lhe deu juntamente com o formulário, o antigo passaporte e as fotografias desadequadas. Devolve-lho. Ela percebe-lhe um terrível abatimento nos olhos. Ele percebe que ela o percebe. Ele põe-se ainda mais severo. Abre uma gaveta, dela retira uma chapa laminada e coloca-a no balcão.

Balcão Fechado.

Isto não é ficção, diz o homem. Isto é a estação dos correios.

Elisabeth observa-o enquanto atravessa a porta de vaivém ao fundo.

Abre caminho por entre a fila que se estende desde as balanças de pesagem de encomendas e sai da estação dos correios não ficcional.

Atravessa o relvado até à paragem de autocarro.

Vai ao Lar Hospital The Maltings SA visitar Daniel.

Daniel ainda aqui está.

Nas três últimas vezes que Elisabeth foi, estava a dormir. Desta vez também estará a dormir, quando ela lá chegar. Sentar-se-á na cadeira ao lado da cama e tirará o livro da mala.

Admirável mundo novo.

Daniel dormirá tão profundamente, que dará a impressão de nunca mais vir a acordar.

Olá, Mr. Gluck, dirá caso ele desperte. Desculpe o atraso. Estiveram a medir-me e a rejeitar-me o rosto por não obedecer aos critérios estipulados.

Mas este pensamento é inútil. Não será esse o caso.

Se despertasse, a primeira coisa que faria seria contar-lhe um qualquer facto de um qualquer lugar fértil do seu cérebro no qual estivera profundamente imerso.

Oh, uma longa fila deles, diria Daniel, que se estendia montanha acima. Uma fileira de vagabundos do sopé até ao cume de uma das montanhas de Sacramento.

Parece-me um assunto sério, diria ela.

E foi, diria ele. Não há nada cómico que não seja sério. E ele foi o maior dos comediantes. Contratou-os, às largas centenas, e eles eram reais, verdadeiros vagabundos, vagabundos verdadeiros para as suas estrelas de cinema vagabundas, verdadeiros solitários, verdadeiros errantes e homens sem teto. Ele queria que parecesse a verdadeira corrida ao ouro. A polícia local disse que os vagabundos não receberiam nenhum dinheiro dos produtores enquanto

não fossem todos agrupados e levados de volta para a cidade de Sacramento. Não queriam que eles se dispersassem pela região. E quando ele era miúdo — o miúdo que chegou ao fim da vida como um dos homens mais ricos e famosos do mundo —, quando era miúdo no albergue de crianças, no orfanato, quando a mãe foi levada para o hospício, recebeu um saco de guloseimas e uma laranja no Natal, todos os garotos da instituição receberam o mesmo. Mas a diferença, eis a diferença. Ele fez aquele saco de dezembro durar até outubro.

Daniel teria abanado a cabeça.

Genial, teria dito.

Depois lançaria um olhar de esguelha a Elisabeth.

Ah, olá, diria.

Atentaria no livro que ela segurava nas mãos.

O que estás a ler?, diria.

Elisabeth ergueria o livro.

Admirável Mundo Novo, responderia.

Ah, essa coisa velha, diria ele.

Para mim é nova, diria ela.

Aquele momento de diálogo? Imaginado.

Daniel está agora num período de sono prolongado. Seja qual for a prestadora de cuidados que calhe estar de serviço, faz sempre questão de explicar, quando Elisabeth está sentada a seu lado, que o período de sono prolongado acontece quando as pessoas estão próximas da morte.

É belo.

É tão minúsculo na cama. É como se fosse só uma cabeça. É pequeno e frágil agora, magro como o esqueleto de um peixe de um desenho animado deixado por um gato de um desenho animado, o seu corpo tão quase-nada por baixo dos cobertores que praticamente não causa impressão alguma, apenas uma cabeça solitária numa almofada, uma cabeça com uma caverna nela e a caverna na boca.

Os olhos estão fechados e lacrimosos. O intervalo é longo entre cada inspiração e expiração. Nesse longo intervalo, não há qualquer respiração, pelo que de cada vez que expira se põe a possibilidade de não tornar a inspirar, não parece propriamente possível alguém ser capaz de não respirar durante tanto tempo e ainda assim continuar a respirar e vivo.

Uma velhice digna, saiu-se muito bem, dizem as prestadoras de cuidados.

Teve uma vida plena e próspera, dizem as prestadoras de cuidados, como que a dizer que está para breve.

Ah, sim?

Não conhecem Daniel.

É parente próxima? Pergunto-lhe porque temos tentado entrar em contacto com familiares de Mr. Gluck sem conseguirmos, disse a rececionista na primeira visita de Elisabeth. Elisabeth mentiu sem hesitação. Facultou-lhes o número de telemóvel, o número de telefone da casa da mãe e o endereço da mãe.

Precisaremos de mais provas de identidade, disse a rececionista.

Elisabeth apresentou o passaporte.

Lamento, mas este passaporte está caducado, disse a rececionista.

Sim, mas só caducou há um mês. Vou renová-lo. E é por de mais evidente que sou claramente eu, disse Elisabeth.

A rececionista deu início a um discurso sobre o que era e o que não era permitido. Depois aconteceu qualquer coisa na porta principal do edifício, a roda de uma cadeira de rodas ficara presa numa abertura entre a rampa e a moldura da porta, e a rececionista foi à procura de alguém que libertasse a cadeira de rodas. Uma auxiliar surgiu vinda das traseiras. Essa auxiliar, ao ver Elisabeth recolocar o passaporte na mala, presumiu que o passaporte havia sido verificado e imprimiu um cartão de visitante para Elisabeth.

Agora, sempre que Elisabeth vê o homem cuja cadeira de rodas encravou na abertura, dirige-lhe um sorriso. Ele devolve-lhe o olhar como se não soubesse quem ela é. Bom, e é essa a verdade. Não sabe.

Traz uma cadeira do corredor e põe-na ao lado da cama.

Depois, caso Daniel abra os olhos (não gosta que nele atentem), saca da mala o livro que tiver consigo.

Com o livro aberto nas mãos, o Admirável Mundo Novo, fixa-se no cocuruto dele. Observa as manchas mais escuras espalhadas na pele por baixo do que lhe resta do cabelo.

Daniel, mais ainda tão quieto como a morte na cama. Mas ainda assim. Ainda aqui.

Elisabeth, sem saber o que fazer, pega no telemóvel. Digita a palavra *ainda* no telemóvel, apenas para ver o que aparecerá.

A Internet faculta-lhe instantaneamente uma série de frases que ilustram o uso da palavra.

Ainda estava tudo tão quieto!

Ela ainda segurava a mão de Jonathan.

Quando se voltaram, Alex ainda estava montado no cavalo.

Ainda assim, a verdade é que aparentava sofisticação.

A multidão, ainda imóvel, esperava.

Depois Psamético tentou ainda outro plano.

Ao constatar que, ainda assim, ele não respondia, ela prosseguiu.

Ainda havia pessoas vivas que tinham conhecido os irmãos Wright.

Ah, sim, o Orville e o Will, os dois rapazes aéreos que começaram tudo, diz Daniel sem dizer, ali deitado mais ainda tão quieto. Os rapazes que nos ofereceram o mundo num dia, e a guerra aérea, e todas as entediadas e inquietas filas nos postos de controlo de segurança no mundo. Mas aposto (diz/não diz) que nessa lista não figura o *ainda* na forma *ainda bem não*.

Elisabeth percorre o rol de significados para verificar.

E esse rol de palavras, diz Daniel sem dizer, faz-me pensar em todos os pergaminhos ainda enrolados, por ler há dois milénios, ainda à espera de serem desenrolados na biblioteca em Herculano ainda por escavar.

Percorre o rol até ao fundo da página.

Tem razão, Mr. Gluck. Não aparece ainda bem não.

Ainda assim, diz/não diz Daniel, a *verdade* é que aparento sofisticação.

Daniel está ali deitado mais ainda tão quieto na cama, e a caverna da sua boca, a sua não verbalização destas coisas, é o limiar do fim do mundo tal como ela o conhece.

Elisabeth tem os olhos erguidos, cravados num velho imóvel de habitação, daqueles que se vê serem destruídos com buldózers e ruírem para dentro de si mesmos em antigas imagens de vídeo registadas nas décadas de 1960 e 1970, quando modernizaram as cidades britânicas.

Ainda está de pé, mas inserido numa paisagem devastada. Todas as outras habitações foram arrancadas da rua como dentes podres.

Empurra a porta. O vestíbulo é sombrio, o papel que lhe reveste as paredes está manchado e escuro. A sala de estar encontra-se vazia, não tem móveis. O chão tem tábuas partidas nos sítios onde quem quer que aqui tenha vivido, legal ou ilegalmente, as arrancou para queimar na lareira, sobre cujo velho lintel uma explosão de fuligem irrompe quase até ao teto.

Imagina as paredes brancas. Imagina tudo na divisão pintado de branco.

Até mesmo os buracos no chão, através das tábuas partidas de cor branca, estão pintados de branco por dentro.

As janelas da casa têm vista para uma sebe de alfenas altaneiras. Elisabeth encaminha-se para o exterior para também pintar aquela sebe alta de branco.

No interior, sentado num velho sofá pintado de branco, o enchimento que dele assoma também rijo com uma emulsão branca, Daniel ri-se do que ela está a fazer. Ri-se silenciosamente, mas como uma criança com os pés nas mãos enquanto ela pinta uma minúscula folha branca atrás da outra.

Atrai a atenção dele. Pisca o olho. A tarefa é concluída.

Estão ambos num imaculado espaço branco.

Sim, diz ela. Agora podemos vender esta casa por uma fortuna. Só os muito ricos se podem dar ao luxo de serem tão minimalistas nos dias que correm.

Daniel Encolhe os ombros. Plus ça change.

Vamos dar um passeio a pé, Mr. Gluck?, diz Elisabeth.

Mas Daniel já saiu sozinho, atravessando o deserto aberto a uma velocidade razoável. Ela tenta alcançá-lo. Sem grande sucesso. Ele está sempre demasiado adiantado. A brancura estende-se à eternidade diante deles. Quando ela olha por cima do ombro, também se estende à eternidade atrás deles.

Alguém matou uma deputada, diz às costas de Daniel enquanto se esforça por lhe acompanhar a passada. Um homem matou-a a tiro e lançou-se a ela com uma faca. Como se alvejá-la não fosse suficiente. Mas isso agora já é coisa do passado. Em tempos valeria um ano de notícias. Mas as notícias agora são como um rebanho de ovelhas aceleradas a correr encosta abaixo.

A nuca de Daniel é inclinada num aceno.

Thomas Hardy sob o efeito de anfetaminas, diz Elisabeth.

Daniel detém o passo e vira-se. Sorri afavelmente.

Os olhos estão fechados. Inspira. Expira. Enverga vestes feitas de lençóis de hospital. Têm o nome do hospital estampado nos cantos, consegue vê-lo ocasionalmente, letras cor-de-rosa e azuis num punho ou no canto do forro na base do casaco. Descasca uma laranja branca com um canivete branco. A voluta de casca cai na brancura como em neve profunda e desaparece. Ele vê isto acontecer e produz um som irritado, tch. Fixa-se na laranja descascada na sua mão. É branca. Abana a cabeça.

Bate ao de leve nos bolsos, no peito, nas calças, como se procurasse alguma coisa. A seguir saca, diretamente do peito, da clavícula, qual mágico, uma massa flutuante de cor laranja.

Atira-a para cima da brancura diante deles, como se de um gigantesco manto se tratasse. Antes de pousar ao longe,

enrola uma parte em torno de um dedo e envolve a laranja demasiado branca que ainda segura.

A laranja branca na sua mão torna-se a sua cor natural.

Acena com a cabeça.

Extrai as cores verde e azul como uma fiada de lenços do centro de si mesmo. A laranja na sua mão adquire cores-Cézanne.

À sua volta forma-se uma multidão, excitada.

As pessoas fazem fila, trazem-lhes as suas coisas brancas, estendem-nas.

Pessoas anónimas começam a acrescentar comentários do tamanho de tweets acerca de Daniel por baixo de Daniel. Comentam a sua capacidade de alterar coisas.

Os comentários tornam-se mais e mais desagradáveis.

Começam a emitir um som idêntico a um vespeiro e Elisabeth repara que algo semelhante a excremento líquido se aproxima dos seus pés descalços. Tenta não pisar a mancha que se alastra.

Grita a Daniel para também ele estar atento ao chão.

«Ela percebe-lhe um terrível abatimento nos olhos. Ele percebe que ela o percebe. Ele põe-se ainda mais severo. Abre uma gaveta, dela retira uma chapa laminada e coloca-a no balcão. Balcão Fechado. Isto não é ficção, diz o homem. Isto é a estação dos correios.»

Daniel tem a idade de um século. Elisabeth, nascida em 1984, está de olho no futuro. O Reino Unido e a Europa estão despedaçados, divididos por um verão histórico. Ganha-se amor, perde-se amor. A esperança caminha de mãos dadas com o desespero. As estações sucedem-se, como sempre, assim como as perguntas: Qual é o nosso valor? Quem somos? De que matéria somos feitos?

Eis o lugar em que vivemos. Eis o tempo na sua forma mais contemporânea e naquilo que tem de mais cíclico.

Eis uma história sobre o envelhecer e o tempo e o amor e as próprias histórias. Este é o primeiro livro do quarteto.

Da imaginação única de Ali Smith nasce uma tetralogia feita a partir da ideia de transição, abrangente na sua escala temporal e marcada por um caminhar leve através das suas narrativas.

Eis o *Outono*.

«Um livro violentamente tocante na sua reflexão estranha, divertida e emotiva sobre o que significa estar vivo em tempos sombrios.»

The New York Times

«Inspirador e satírico, este romance é uma bellissima meditação, mostrando que Ali Smith está no ponto máximo das suas virtudes.»

The National

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-999-8864-03-1



9 789888 864031

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT